

Luiz Carlos Mendonça de Barros, ex-presidente do BNDES

‘Já começou a terapia recessiva nos desequilíbrios’

Ex-ministro diz que recessão ajudará a corrigir inflação e contas externas e economia só voltará a crescer em 2016

Fernando Dantas / RIO

Para o economista Luiz Carlos Mendonça de Barros, diretor-estrategista da Quest Investimentos, ex-presidente do BNDES e ex-ministro das Comunicações, o resultado do PIB do segundo trimestre mostra que já teve início a “terapia recessiva” para corrigir os desequilíbrios da inflação e do déficit das contas externas.

Ele acha que a economia brasileira só volta a crescer a um ritmo satisfatório em 2016, mas, a partir daí é otimista, desde que a política econômica seja corrigida e a confiança dos empresários restabelecida. Para Mendonça de Barros, apesar do mau momento, a economia brasileira é sólida e tem ativos valiosos, como o grande crescimento dos trabalhadores na formalidade.

● O que o sr. achou do PIB do segundo trimestre?

Veio um pouco mais fraco do que pensava, mas na direção prevista. A queda do investimento foi forte, o quarto recuo trimestral. Como os índices de confiança dos empresários estão no chão, era simplesmente uma questão de esperar a queda. O recuo do investimento em relação ao mesmo período do ano passado foi de mais de 11%. O consumo ainda está no positivo, mas já não é tão brilhante quanto em anos anteriores.

● O sr. viu algum sinal positivo?

Sim, temos que fazer um ajuste de demanda, e há sinais de

que isto começou a ocorrer. As exportações cresceram e as importações caíram, um sinal correto. O deflator do PIB veio em 5,4%, bem abaixo da inflação corrente, outro ponto positivo. E há finalmente sinais de que a Petrobrás começou finalmente a elevar a produção de petróleo, nos números da indústria extrativa. Na verdade, é ótimo, por um lado, que os dados do PIB do segundo trimestre tenham sancionado que entramos numa terapia recessiva necessária para lidar com os desequilíbrios da conta corrente (contas externas) e da inflação.

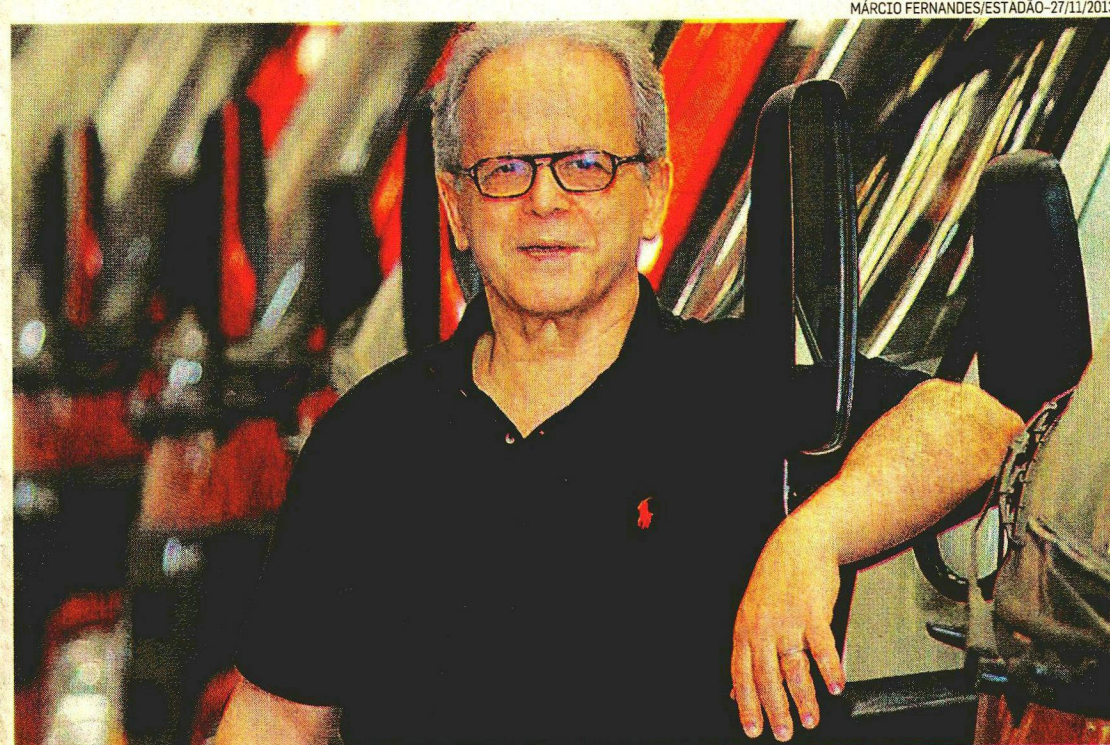
● O governo deve ficar satisfeito, então?

Não, porque na verdade foi uma grande barbearagem que tenhamos chegado ao trimestre que antecede as eleições com a economia no chão. A presidente Dilma Rousseff vai para a tentativa de reeleição com a economia de joelhos, imagina o escândalo que a imprensa não vai fazer com esse resultado do PIB. Nós íamos caminhar para a terapia recessiva, o governo tentou adiar. Aí, como acontece nas doenças, a recidiva é pior que o primeiro ataque. Para quem gosta de tecnicidades, tivemos dois trimestres negativos, é recessão no conceito mais elementar.

● Por que a economia parou de crescer?

Batemos no teto em vários sentidos. Houve esse fantástico processo de formalização do trabalho, que chegou a 70%. A formalização do trabalho abria o acesso ao crédito, mas agora esse motor de crescimento se esgotou. Daqui para a frente, depende do salário real e do aumento do crédito para quem já está incluído. Então não vai

mais ocorrer um fenômeno como a multiplicação por três das vendas de automóveis em quatro ou cinco anos. O desemprego bateu no mínimo, começou a pressionar os salários. Já o empresário se vê numa situação clássica em que a oferta passou na frente da demanda. Ele pensa “se não for nesse ano, no próximo entra em recessão”. Tem que lidar com estoques e excesso de capacidade e não pensa em investir.



Tratamento adiado. 'O governo tentou adiar a recessão, mas a recidiva é pior', diz Barros

● É só por isso que o empresário não investe?

Não, existe também a falta de confiança na política econômica. Há a postura ideológica da

presidenta que coloca o Estado como sendo o agente mais importante da economia, o que faz com que interfira demais, prejudicando o setor privado. De qualquer forma, quem acompanhou minimamente a economia nos últimos dois ou três anos sabia que ela tinha que ir para a terapia recessiva. O crédito bateu no teto, o déficit em conta corrente subiu até um nível perigoso. Como o sr. vê a situação especificamente da indústria?

Aí tem os dois componentes. Em termos conjunturais, como eu disse, a oferta ultrapassou a demanda. E tem o problema da falta de competitividade: durante os anos de boom, a importação abasteceu o crescimento do consumo de bens industriais. Os setores que tem proteção, como o automobilístico, se deram bem e cresceram. Os que não tinham proteção minguaram.

● E a economia daqui para a frente?

Só Deus sabe, ou melhor, depende de quem vai ganhar a eleição. Na oferta eleitoral, tem dois candidatos, Aécio e Marina, que mostraram que optariam pela abordagem clássica. Tratariam da conjuntura mantendo por mais algum tempo o ajuste que já começou, e tentariam reverter o pessimismo do empresário via retomada da confiança. Já a Dilma exercitou nos seus quatro anos o software ideológico do PT e deu no que deu. Vai ter

que encontrar outro software fora do arco ideológico do partido. A tendência é recessiva também para o ano que vem, e o jogo do crescimento vai ser jogado de 2016 em diante.

● E como ganhá-lo?

Com uma política econômica que traga de volta a confiança dos agentes econômicos. Fazendo uma série de ajustes, o crescimento volta naturalmente. O Brasil não está vivendo nenhum desastre. Temos que comemorar essa situação extraordinária para uma economia emergente de ter 70% (dos trabalhadores) na formalidade, é algo que precisamos explorar, coisa que a presidente não conseguiu em quatro anos. Vivemos um fim de ciclo, mas não é algo negativo. Temos uma economia sólida e preparada para receber os estímulos de uma política econômica correta.

● O PIB afeta o cenário eleitoral?

Esses números não chegam à maioria da população, mas a ameaça de desemprego e o lay-off (suspensão temporária dos contratos de trabalho) na indústria automobilística, isso chega. O Lula é visto como responsável pela mudança que incluiu essas pessoas, e a Dilma é vista como alguém que ameaça a continuidade desse processo. Eu concordo. Tem que reconhecer o que o Lula fez e que essa política atual está colocando isso em risco.

Cartucho 950XL HP
CN045AL, preto
Cód. 798441

R\$ 114,90 à vista
ou em 3x sem juros nos cartões

Cartucho 951XL HP
CN046AL, ciano
Cód. 798442 (ciano)
Cód. 798443 (magenta)

R\$ 81,90 à vista
ou em 3x sem juros nos cartões

Multifuncional HP
Officejet Pro 276DW
Impressora, copiadora, scanner e fax, imprime até 20 ppm em preto e 15 ppm em cores, Wi-Fi
Cód. 220693

dez R\$ 1.199,00
por R\$ 999,00 à vista
ou em 10x sem juros nos cartões

Ofertas válidas até 7.9.2014 ou enquanto durarem nossos estoques.

VENDAS PARA EMPRESAS
GRANDE SÃO PAULO 11 3347-7000 OUTRAS LOCALIDADES 0800-0195566

Kalunga.com
+130 lojas

As ofertas anunciadas terão validade em nossas lojas, na Internet e no Televendas. No caso de promoções que envolvam trocas, a apresentação de NF e outras similares terão validade apenas em nossas lojas. Garantimos o estoque de 40 unidades de cada produto ofertado na rede até o término desta promoção ou enquanto durarem nossos estoques. No Televendas, exclusivamente para a capital de São Paulo e Grande Rio de Janeiro, o frete é grátis para compras acima de R\$ 250,00. Para os pedidos abaixo desse valor, o frete será por conta do cliente. Promoção para todos os tipos de mercadorias. Para vendas a prazo em cheque, com ou sem juros, somente com aprovação cadastral. Apresentação de CPF, RG, referências pessoais, comprovantes de residência e de rendimentos para Pessoa Física. Para Pessoa Jurídica, apresentar CNPJ, documentos dos sócios, referências comerciais e bancárias. As parcelas mínimas em cheques são de R\$ 30,00 cada. Não abrimos embalagens. SACK - Serviço de Atendimento ao Cliente Kalunga: 11 3346-9966. * Linha completa de Smartphones na Kalunga.com. Consulte disponibilidade nas lojas.